



O trabalho como realização pessoal ou construção da identidade na obra *Em Surdina*, de Lúcia Miguel Pereira

The work as a personal realization or as a identity construction in the work *Em Surdina*, by Lúcia Miguel Pereira

*Edwirgens A. Ribeiro Lopes de Almeida*¹

RESUMO: Em sua escrita de ficção, Lúcia Miguel Pereira inscreve personagens femininas marcantes quanto ao papel da mulher na sociedade tradicional. Em *Em surdina*, temos Cecília que busca sua identidade, uma forma de libertação ou de realização pessoal por meio do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Trabalho. Tradição.

ABSTRACT: In your fiction writing, Lúcia Miguel Pereira sign up remarkable female characters in the woman's role in the traditional society. In *Em surdina*, we have Cecília, which searches for your identity, a way of freedom or of personal accomplish through work.

KEYWORDS: Woman. Work. Tradition.

RESUMEN: En su escrita de ficción, Lúcia Miguel Pereira registra personajes femininas que marcan cuanto a la ocupación de la mujer en la sociedad tradicional. En *Em Surdina*, temos Cecília que busca su identidad, um médio de libertación o de realización personal a traves del trabajo.

PALABRAS-CLAVE: Mujer. Trabajo. Tradición.

* * *

Uma mulher só se torna mulher na medida em que trabalha seus conflitos e encontra seu lugar em uma determinada estrutura de relações sociais.

Andrea Nye

¹ Doutorado em Literatura UNB. Doutorado em Literatura espanhola e hispano-americana USP. Pós doutorado em Literatura Brasileira UFMG- Docente do Departamento de Comunicação e Letras e do PPGL/Unimontes. edwirgensletras@gmail.com

A expressão de Andrea Nye (1995) pode ser facilmente relacionada ao pensamento de Simone de Beauvoir (1980) quando esta adverte que a mulher não nasce mulher, mas se torna mulher. Esse caráter construído da identidade feminina, identificado por Beauvoir, é materializado, nas palavras de Nye, quando a mulher passa a conhecer e administrar seus anseios e inquietações conseguindo se impor diante da sociedade em que está inserida, ocupando nela o seu espaço.

Nessa perspectiva, imprimindo nas páginas essa dinâmica das restrições a que foram submetidas as mulheres, Lúcia Miguel Pereira, importante crítica e historiadora da literatura, marca seu posicionamento nas páginas da ficção escrevendo romances representativos do lugar da mulher naquela sociedade dos anos 1930. Assim como em seus outros romances *Maria Luísa*, *Amanhecer* e *Cabra-Cega*, *Em surdina*, traz a personagem Cecília, uma menina que passa a sua adolescência até ser considerada solteirona lutando contra as amarras da tradição, mas por final, aceitando e se entregando a elas. Pode-se destacar que muitas caracterizações da personagem Cecília se enquadram na descrição da própria autora. Luís Bueno acrescenta que “afinal, Lúcia Miguel Pereira já tem 32 anos quando o romance é publicado e se encaixa com facilidade na caracterização de solteirona ela própria” (BUENO, 2006, p. 327). Conforme explica Luís Bueno (2006), esse romance traz as marcas dos anos 30. Para Bueno, “adicionalmente, muito mais do que *Maria Luísa*, *Em Surdina* pode ser visto como parte integrante da grande tendência documental do romance de 30, em geral pensada como exclusiva dos autores do romance social” (BUENO, 2006, p. 327).

Neste último, a autora ainda se prende à tradição, mesmo que registre, de maneira verossímil, a turbulência da década. Embora *Maria Luísa* traga alguns traços do tempo, sobretudo no que concerne ao papel da religião e da mulher diante da família, é sabido que ambas as narrativas foram publicadas no ano de 1933, porém os originais de *Maria Luísa* já estavam com o editor desde 1931, o que comprova que essa é a obra de entrada da autora no cenário ficcional.

É preciso ressaltar que o conjunto dessas narrativas constrói um grande novelo carregado por fios de mesma linhagem e coloca em evidência as contradições do tempo, desde a desagregação de valores, passando aos costumes, ao papel mediador do trabalho na construção das identidades, à economia e às relações internacionais. Contudo, o mais evidente diálogo com o contexto pode ser entrevisto na postura das personagens, sobretudo no temor de viver a vida por algumas mulheres. Há, na narrativa, aquelas criaturas que experimentam diversos tipos de sensações, porém a narrativa é protagonizada por Cecília. Esta tem toda a sua existência questionada a partir do pedido de casamento. Se no discurso tradicional, o casamento constitui uma forma de controle do homem sobre a mulher, contraditoriamente, nessa narrativa, o casamento é posto, de forma crítica, como a única forma encontrada pela mulher para gozar a vida. Esse convite ao *carpe diem*, a viver a vida, e ao epicurismo, para que a protagonista experimente novas sensações, vai mediando toda a construção narrativa, sobretudo pelo narrador.

Esta importante figura das narrativas pereirianas, o narrador, aparece como um interlocutor capaz de conduzir, dando destaque ao discurso tradicional, as práticas das personagens. Nesse romance, o narrador em terceira pessoa intervém, estrategicamente, dando razões para que a personagem tome uma ou outra atitude. Nisso, a autora, mais uma vez, passeia pelo clima ideológico daquele contexto à medida que carrega a sua poética de imaginação, o que resulta em um texto bastante verossímil.

Se em *Maria Luísa* o momento revelador, capaz de provocar questionamentos sobre a existência feminina é a ocorrência da traição, em *Em Surdina*, é o pedido e a possibilidade do casamento que conduz a protagonista Cecília a um importante questionamento: o que é viver? A partir desse questionamento, a protagonista começa um processo de reflexão sobre os meios que lhe darão mais liberdade, o casamento ou o trabalho.

De maneira condizente com o que teorizaram Beauvoir (1980) e Nye (1995), a personagem Cecília do romance *Em Surdina*, procura conhecer-se, marcar a sua trajetória e buscar caminhos no meio em que vive para enfim, alcançar a liberdade. Algumas são as tentativas frustradas. Com isso, podemos ver que as tensões sociais não puderam ser resolvidas pela ficção. Através do casamento, a personagem procura estabelecer o seu papel na sociedade e garantir uma existência plena e feliz. Mesmo com a invasão de tecnologias e meios de comunicação, o uso de saltos baixos, maiôs e saias curtas no cotidiano da classe média, a emancipação feminina continuou extremamente limitada. Algumas dessas práticas eram consideradas um escândalo e, ainda nas primeiras décadas do século XX, o casamento ainda é uma das mais indicadas formas de vida para a maioria das moças, sobretudo as burguesas, comenta Priore (2005).

Na busca da realização pessoal, depara-se com ideias e posturas contraditórias às suas, por isso a personagem central de *Em Surdina* vê frustradas as suas tentativas de casamento e, influenciada pela colega, recorre a outra possibilidade: o exercício do trabalho e a independência financeira. “_ Você nem calcula como é bom trabalhar; a gente se sente útil e, sobretudo independente; ganha o seu dinheirinho, não tem que dar satisfação a ninguém do que gasta” (PEREIRA, 1933, p.134). O comentário a faz lembrar a atitude da irmã Heloísa que guardava, pouco a pouco, o dinheiro do marido para comprar aquilo que denominava como coisas de mulher. E, ela estava decidida a conquistar sua liberdade, seu espaço e preencher o vazio que ela mesma sentia. “_ Falaria com o pai; ele tinha tantas relações, não lhe haveria de ser difícil arranjar um lugar. Ela falava francês e inglês, escrevia regularmente na máquina... talvez mesmo pudesse conseguir um ordenado de 500\$... Na Europa, na América, todas as moças trabalhavam... (PEREIRA, 1933, p. 134). A expressão revela a influência das transformações pelas quais passa o contexto histórico representado na ficção. A negação do pai é justificada por ser resultado das mudanças pelas quais passa a Europa, mas afirma que, no Brasil, ainda há família. A negação do pai é coerente com a justificativa histórica de que a inserção feminina no trabalho assalariado se

configurava como uma forma de ajudar nas economias do lar, caso o marido não o conseguisse sozinho. Porém, essa não era a realidade de Cecília. Essa explicação põe em relevo a discussão sobre a preponderância dos princípios tradicionais além de sugerir a tendência de ordem e preservação da família tão criticada nesse legado ficcional. Porém, o desejo de Cecília revela também a necessidade de ocupação e de realização que a mulher passa neste mesmo momento.

Paola Cappellin Giuliani argumenta que, mesmo com algum número de mulheres inseridas no mercado de trabalho, “muitas vezes, as trabalhadoras nem são reconhecidas como parte da população economicamente ativa; sua contribuição social reduz-se ao papel de mantenedoras do equilíbrio doméstico familiar” (GIULANI, 1997, p. 641). Pode-se notar que, apesar do empenho feminino nas primeiras décadas para inserir-se e serem reconhecidas no mercado de trabalho, inclusive com o recebimento de justos salários, têm a sua função reduzida a donas de casa.

O diálogo travado entre Cecília e seu pai é exemplar da conduta feminina imposta pela tradição.

_ Trabalho de moça é em casa. Olhe, você quer serviço? Pois então arrume os meus livros, que andam numa desordem horrível... Ora, essa bobinha a querer trabalhar. Como se não tivesse pai para sustentá-la! Então você pensa que já estou imprestável, que não posso mais manter meus filhos? (PEREIRA, 1933, p. 136).

A opinião do Sr. Vieira acerca do trabalho feminino ressalta as restrições pelas quais passa a mulher ao ingressar no trabalho assalariado. Ele acredita que o homem deve ser o provedor da mulher evitando a saída desta para o espaço público e, assim, manter a ordem da vida familiar. Completa o pai que isso era caprichos de mulher que, com alguns 100\$ ou 200\$ por mês a faria esquecer. O que ela precisava mesmo era se casar. “Essas veleidades de independência, esse gênio esquisito, isso tudo era falta de marido” (PEREIRA, 1933, p. 137). Mais uma vez, a narrativa chama a atenção

para o discurso patriarcal quando destaca o casamento como única forma de vida da mulher. Sob essa ideia, a mulher passa do controle e da dependência do pai para a do marido.

Segundo o relato do pai:

_ Ainda uma conseqüência da guerra. Mas as situações são diferentes. Aqui os homens não estão nas trincheiras, e as mulheres não precisam abandonar o lar para substituí-los. Substituí-los e se perderem, como acontece quase sempre. No Brasil, graças a Deus, ainda há família! (PEREIRA, 1933, p. 138).

Na fala do pai, o ponto de vista se confunde com muitos outros expostos naquele contexto. Em artigo destacado por Márcia Cavendish Wanderley (1999), a autora mesma apresenta esse pensamento autoritário da época, quando critica que usar a mulher no serviço militar é desvirtuar o seu papel, que é de mãe, acolhedora e preservadora da ordem familiar. O exercício do trabalho é para ela uma forma de se perderem as qualidades naturais das mulheres, como realça também a sua criação. Embora estejamos cientes de que o trabalho remunerado, ao qual a personagem aspirava seja distinto do serviço militar, a autora se refere, na crítica, a quaisquer atividades femininas fora do lar, ou melhor, qualquer confrontação que as coloquem em exercício diferente da ordem doméstica. Sobre essa postura da autora, vimos que nos textos críticos, a mesma, ao longo de sua atuação no campo das letras, avança em relação a essa entrada da mulher no campo de trabalho, já no plano da ficção, o trabalho de datilógrafa exercido pela personagem central do livro *Amanhecer*, por exemplo, não é suficiente para trazer-lhe a emancipação.

Mas Cecília queria ser livre, ser dona de si, gozar a vida. E indaga a indiferença do pai pelos seus sentimentos, pela sua realização. “Ele quer que eu ande bem vestida para lhe fazer honra, pensava; faço parte de sua representação, como o automóvel e a pérola da gravata” (PEREIRA, 1933, p. 143). A mulher se sente um objeto em relação ao homem. Para o pai, Cecília era um instrumento com o qual ele revelava a sua condição e postura social.

Mas, procurando um lugar social, Cecília tinha a impressão de que só “seria ela mesma quando tivesse realizado alguma coisa”.

Também em Paulo, Cecília encontra um empecilho para seu ingresso no mercado de trabalho. Ela pensava encontrar nele um apoio para sua nova investida. Mas ele, apesar de ser um intelectual, oferece-lhe o casamento como uma forma de trabalho. Paulo, um pretendente que, apesar das boas qualificações, oferece a Cecília aquilo que outros homens de sua classe social pretendiam para as mulheres, suas companheiras, uma vida do lar. Por meio de Paulo, a narrativa mescla bem os distintos comportamentos da tradição e da modernidade. Mais uma vez, o ofício da mulher é definido pelo homem e pelo próprio gênero. Por ser mulher, o ofício que lhe resta é o de dona de casa. Assim, interpela Paulo “que pode você esperar de maravilhoso, de extraordinário, em ser uma empregadinha, em ganhar umas miseráveis centenas de mil réis por mês? Se é esse o seu ideal, não lhe dou parabéns (PEREIRA, 1933, p. 149)”. Como a historiografia nos informou acerca da inaceitação do trabalho feminino pela sociedade, este é depreciado na representação pelo termo “empregadinha”. A crítica aqui às dificuldades de entrada da mulher no mercado de trabalho é bastante evidente. Como ressaltamos, a justificativa para o trabalho feminino no Brasil, na primeira metade do século XX, era de que o marido não ganhava o suficiente para manter a família. Isso valia especificamente para a classe média e significava certa medida de humilhação para o homem. Assim, dada a condição econômica de Cecília, a argumentação de Paulo e do Dr. Vieira tem razão de ser. Cecília, portando uma postura paradoxal a outros pensamentos e práticas no decurso da história, por outro lado, queria que os dois vissem além das convenções, que a vissem como sujeito. Nesse sentido, ela se afasta da condição de conservadora.

Veja que Paulo, embora seja um rapaz com traços modernos, age com extrema conservação dos protocolos machistas ao falar do acesso feminino ao mundo do trabalho, da independência. Cecília tem em Paulo um guia intelectual, também aqui ela confia a ele o incentivo para a mudança. A

indignação da reação de Paulo não é seguida de ação da protagonista, mas de conformação no decurso do enredo. Sobre essa conduta pusilânime e inoperante que as mulheres, geralmente, manifestam diante do homem, Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy postulam: “a mulher, ainda uma escrava, permanece em silêncio... Subjugada pelo domínio masculino, ela nem sequer aspira à sua própria libertação, o homem é que deve libertá-la” (ALVES, PITANGUY, 1983, p. 39).

Do lado da ficção, Cecília vislumbra no trabalho uma possibilidade de criar a sua independência, a sua personalidade,

era o único meio de criar a sua personalidade, independente do núcleo familiar; tinha a impressão de que começaria a final a viver, no dia em que começasse a dedilhar na máquina ofícios e cartas comerciais. As primeiras sílabas batidas numa Remington seriam a fórmula mágica, o ‘abre-te sésamo’ maravilhoso. Então entraria na posse de si mesma, e da existência. Escolhia os seus hábitos, as suas relações, o seu modo de vida (PEREIRA, 1933, p. 143-144).

A reflexão da personagem no excerto acima evidencia os seus objetivos, como esclarece Andrea Nye (1995) na epígrafe que inicia este estudo. Para a criatura ficcional, é preciso ocupar o seu espaço, escolher seu modo de vida e marcar a sua personalidade dentro de uma estrutura de relações sociais.

Em conversa com o irmão João sobre o futuro da sobrinha Baby, depara-se com um incentivo a seu sonho. Diz o irmão “o trabalho liberta a mulher moralmente, ainda mais do que materialmente. Se ela não se casar, não se resignará também a viver” (PEREIRA, 1933, p. 360). Do lado da história, encontramos também mulheres que vêm no trabalho um instrumento de libertação e de liberação da mulher no meio social. Mary del Priore (2005) estudando sobre a prática do sexo fora do matrimônio pela mulher, nos tempos de antes e após a Primeira Guerra Mundial, cita Ercília Nogueira Cobra que ousava dizer: “a mulher que teve intercurso com homens

antes de casada é tão honrada como o homem nas mesmas condições, uma vez que ela tenha uma profissão e viva honestamente de seu trabalho” (DEL PRIORE, 2005, p. 258). Nota-se na advertência da escritora feminista que, mesmo que a mulher quebre o interdito ao sexo, a pedra-de-toque da tradição, utilizando as palavras de Nelly Novaes Coelho (2002), pela ótica feminina, a mulher consegue se redimir dessa transgressão através do trabalho. Nessa concepção, o trabalho passa a ser visto como um purificador, uma forma de libertação moral.

Também podemos depreender da questão que, o que está implicado aqui é que a mulher que tem um trabalho honrado e não fez sexo por dinheiro, não se prostituiu. Por esse lado, o trabalho não pode ser entendido como uma redenção de uma falta, porque a prática do sexo não é vista como falta. O que é visto como falta é a prostituição. A reação do Dr. Vieira e de Paulo acerca do ingresso de Cecília no mundo do trabalho revela também que este passa a ser visto como uma estratégia de definição da identidade pessoal, manifestada, principalmente, pela preocupação com as aparências no meio social. Diz o pai: “Que parecerá isso? Uma filha minha andando empregada! Vão dizer que sou sovina, ou que estou perdendo a clínica. Você não vê que isso me prejudica, Cecília? (PEREIRA, 1933, p. 136). Pelo exposto, a posição ocupada na sociedade, a identidade e a postura de cada sujeito são construídas no meio social em que este está inserido. Dessa forma, o provedor da família tende a nutrir a sua hegemonia através do jogo de aparências. Cláudio apresenta a influência que as aparências exerciam sobre a família.

Vaidade ridícula, só possível mesmo no Brasil. Na América, ninguém cuidaria disso. Preconceito. Ele, Cláudio, não era formado, e, nem por isso se sentia inferior. Ao contrário. Poucos rapazes da sua idade ganhariam tanto quanto ele. Mas bem percebia que a família se vexava de ter de apresentá-lo ‘seu Cláudio’.

O pai não lhe perdoava não se ter formado em medicina. Bobagens. O mundo moderno era dos industriais e dos comerciantes. Cláudio Vieira, comissões e consignações... (PEREIRA, 1933, p. 27).

No relato da personagem, veja-se que era comum, já naquele tempo, a valorização e a identificação da pessoa através de sua profissão. O trabalho torna-se assim um mediador na identificação da personalidade do sujeito. Também se converte em um meio de dar prestígio social à família. No âmbito literário, um breve olhar sobre a representação das primeiras décadas do século XX mostra como essa questão é abordada por escritores como Lima Barreto e Monteiro Lobato.

Para Cláudio, o trabalho permite o gozo da vida. Observe-se o diálogo estabelecido com a irmã Cecília:

_ não dou para filho-família. Cavo, mas gozo... Vocês mulheres não podem entender isso. Vivem presas a uma porção de tolices, de convenções. A gente só leva desse mundo o prazer que teve. Eu trabalho muito, para me divertir muito. Mas aproveito a minha mocidade. Ter dinheiro quando estiver careca e reumático? Muito obrigado. Não serve (PEREIRA, 1933, p. 261).

Os princípios, romano e grego aparecem mais uma vez no discurso ficcional. Cláudio procura viver intensamente porque acredita na brevidade da vida. Para ele, o trabalho garante o dinheiro para se aventurar, para se realizar pessoalmente. Nesse viés, a realização, o encontrar-se consigo mesmo, o preenchimento da existência, possui conotações bem diversas para os dois irmãos. Aspecto distinto também pelo gênero de cada um. O que o trabalho permitiria para Cláudio, ainda estaria restrito a Cecília, o gozo da vida através da vulnerabilidade das relações.

Noutra vertente, o pai critica ainda a escolha da profissão de escritor e jornalista do filho João _ “No Brasil, os literatos morrem de fome” _ a partir da explicação de que pensava na escrita de artigos sobre as diretrizes

da mentalidade contemporânea. Dá seguimento o pai: “_ Ah! Então você quer ser jornalista? Ingenuidade. Jornalismo no Brasil é um subproduto da política. Só enriquece os venais. E você precisa trabalhar; já está com vinte e quatro anos...” (PEREIRA, 1933, p. 291). Para Dr. Vieira, a escrita do literato e do jornalista não constitui um trabalho, ademais está subordinada ao poder político. Por isso, não são lucrativas nem trazem prestígio para si nem para a família.

Voltando à relevância do trabalho na vida feminina, após o casamento, Paulo dá indícios mais claros acerca do papel exercido pelo trabalho extra doméstico na vida da mulher. Depois de questionado por Cecília sobre o abandono da profissão de professora pela esposa, explica que, desde que eles se casaram ela não ensina mais.

Antes precisava ganhar para educar a filha; ficou sozinha com a menina com dois anos, mas agora não há mais necessidade disso. Eu não compreendo as mulheres trabalhando senão quando são forçadas pelas circunstâncias... tem muito no que se ocupar em casa (PEREIRA, 1933, p. 238).

A explanação de Paulo deixa evidente que o trabalho feminino deve ser decorrente da sua necessidade. Fica marcado então o princípio tradicional de que deve ser o homem o provedor da mulher.

Se o trabalho figura como mediador na vida de homens e mulheres ficcionais, referimo-nos aqui àquele trabalho remunerado e exercido no espaço público. Veja-se que as atividades de casa caracterizadas por Paulo e Dr. Vieira como empregos para as mulheres, redundam apenas em uma “ocupação”. Para esses homens, a mulher precisa manter o seu tempo ocupado para não “pôr a família à perdição”. O comportamento masculino, nesse caso, ainda sugere o impedimento da ação feminina no espaço antes destinado apenas ao homem, o espaço público. Na visão masculina, se as ocupações da mulher alcançam os domínios do homem, esvaem-se as diferenças de poderes e valores entre eles. Nessa dinâmica, o espaço social ocupado por eles passa a

ser dividido com a mulher, o que pode colocar em crise sua identidade. Isso posto, assegura Elizabeth Badinter: “na escala social, os homens se sentem ameaçados em sua identidade por essa criatura que quer agir como eles, ser como eles. Para eles é a verdadeira dissolução de sua especificidade” (BADINTER, 1993, p.16).

Na trilha dessa concepção, apesar das aspirações, a trajetória de Cecília presentifica os rastros da tradição falocêntrica e patriarcal quando reafirma o estigma da mulher. Segundo Margareth Rago (1997), o momento em que várias atividades exercidas na unidade doméstica, como a fabricação de pães, manteiga, doces foram transferidas para a fábrica, desvalorizaram-se os serviços relacionados ao lar.

Ao mesmo tempo, a ideologia da maternidade foi revigorada pelo discurso masculino: ser mãe, mais do que nunca, tornou-se a principal missão da mulher num mundo em que se procurava estabelecer rígidas fronteiras entre a esfera pública, definida como essencialmente masculina, e a privada, vista como lugar natural da esposa-mãe-dona de casa e de seus filhos (RAGO, 1997, p.591).

Dá seguimento à questão, Margareth Rago;

O trabalho feminino fora do lar passou a ser amplamente discutido, ao lado de temas relacionados à sexualidade: adultério, virgindade, casamento e prostituição. Enquanto o mundo do trabalho era representado pela metáfora do cabaré, o lar era valorizado como o ninho sagrado que abrigava a ‘rainha do lar’ e o ‘reizinho da família’ (RAGO, 1997, p. 588).

O esclarecimento da historiadora revela que, com a entrada da mulher no espaço público, este se tornou algo ameaçador para sua moralidade. Assim, aumentou a apreensão sobre a conduta daquelas mulheres, sobretudo casadas. Temos, na representação, a própria personagem, impedida do trabalho remunerado, opta pela vida do lar,

cuidando do pai e dos filhos da irmã. Para as personagens que circulam pela narrativa, encontramos distintas formas de entender a entrada da mulher no mercado de trabalho: para o pai de Cecília redonda numa ofensa, significando a decadência de um pai mantenedor da família e a perdição da conduta feminina. Nos gestos de Paulo, o trabalho é encarado como uma necessidade, justificado por determinadas circunstâncias. Para Cecília e para João, o trabalho é um fator de libertação. Como estratégia, a escrita de Lúcia Miguel Pereira mostra, nas diversas abordagens do trabalho na vida feminina, a dinâmica do tempo dissolvendo o social no literário.

Referências

ALVES, Branca Moreira, PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BADINTER, Elisabeth. *XY*: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura feminina no Brasil- das origens medievais ao século XX. In: DUARTE, Constância, DUARTE, Eduardo de Assis, BEZERRA, Kátia. (Orgs.) *Mulher e literatura: I- gênero e representação. Teoria, história e crítica*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. Coleção Mulher & Literatura.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.

GIULANI, Paola Cappellin. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997.

NYE, Andrea. *Teorias feministas e as filosofias do homem* (Trad. Nathanael C. Caixeiro) Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1995.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Maria Luísa*. In: PEREIRA, Lúcia Miguel. *Ficção reunida*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2006.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Em surdina*. Rio de Janeiro: Ariel, 1933.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997.

WANDERLEY, Márcia Cavendish. Lúcia Miguel Pereira: do conservadorismo ao liberalismo. In: RAMALHO, Christina (Org.) *Literatura e feminismo*. Propostas teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Elo Editora, 1999. p.73-84.

Recebido em outubro de 2022.
Aprovado em dezembro de 2022.